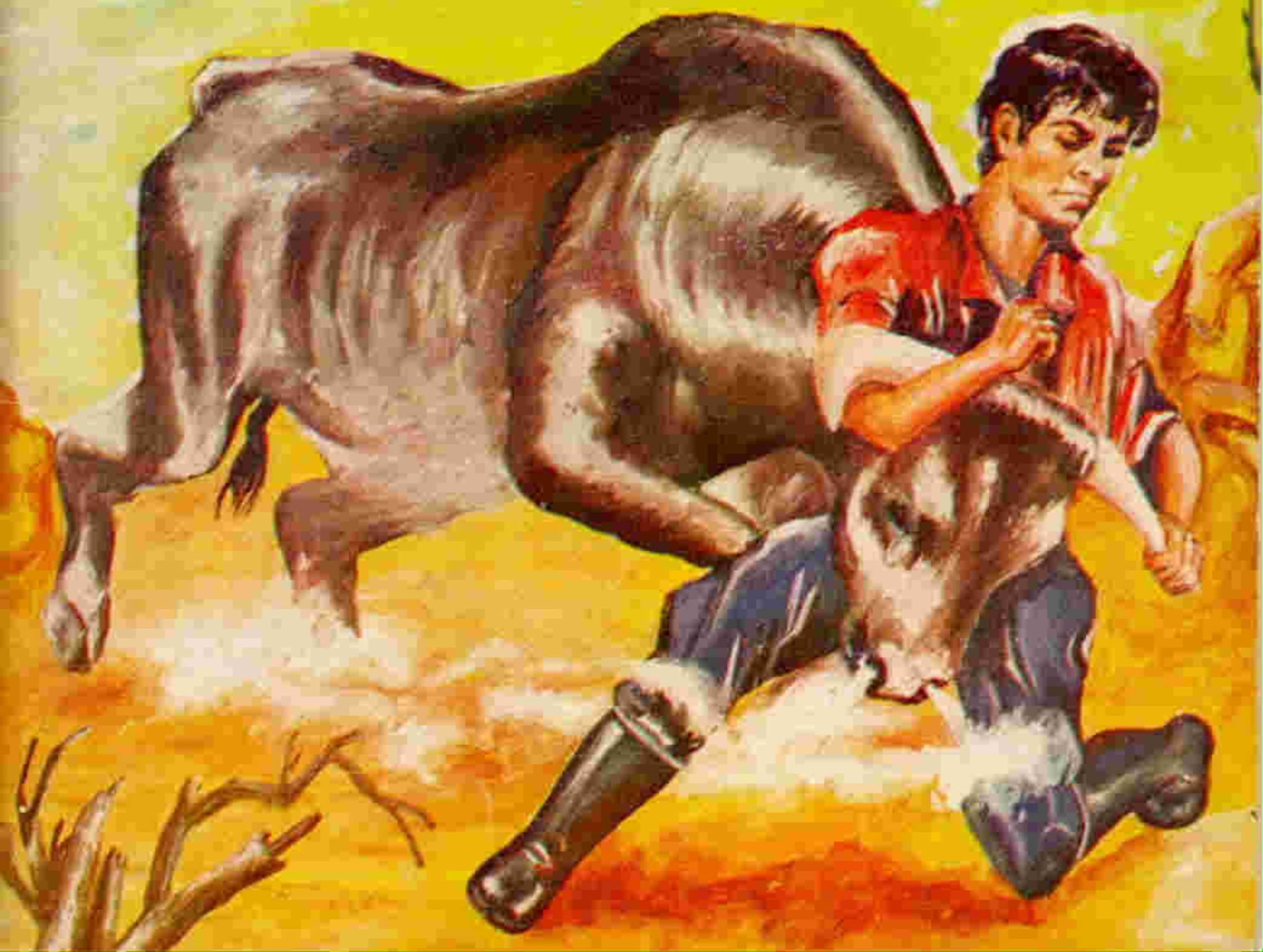


HISTÓRIA do

VALENTE SERTANEJO

ZÉ GARCIA



HISTÓRIA

do Valente Sertanejo

ZÉ GARCIA

Direitos adquiridos e registrados de acordo com a lei
na Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 3042/50
FONE: 93-3897 — SÃO PAULO-6
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

HISTÓRIA DO VALENTE SERTANEJO

ZÉ GARCIA



O tenente João Garcia
Era um rico fazendeiro,
Que havia no Seridó
Um dos seus filhos solteiros
Foi um dia caluniado
Pela filha de um cangaceiro.

Militão, o pai da moça
Era um estrompa malvado
Veio à porta do tenente,
Comandando um grupo armado
Ameaçando vingança,
Sem se achar agravado.

Militão disse ao tenente:
— Só venho aqui lhe dar parte,
Que seu filho Zé Garcia
A pouco fez uma arte
Ou casa com minha filha,
Ou com este bacamarte.

— Seu Militão não precisa
Me gritar com armamento,
Eu vou saber do meu filho
Se a queixa tem fundamento
Se o rapaz deve à moça,
Eu farei o casamento.

De tarde José Garcia
Chegou duma vaquejada,
Com mais de trinta vaqueiros
Na mão tendo uma guiada
Galopando em seu cavalo,
Na frente de uma boiada.

Depois da ceia, o tenente
Chamou o filho a razão,
Quando lhe disse: — José
Agora estamos em questão:
— O que é que estás devendo,
À filha do Militão?

Respondeu José Garcia:
— A ela não devo nada,
Eu nunca dei a atenção
A essa moça acanalhada
Minha consciencia é limpa,
Muito desembaraçada.

— Você então se previna
Que a causa está perigosa,
Siga hoje à meia-noite
Em viagem muito penosa,
Vá ficar no Piauí,
Na fazenda do Feitosa.

— Meu pai, só lhe obedeco
Como filho de cristão,
Subo para o Piauí
Para evitar a questão
Mas também não tenho medo,
Do caboclo Militão.

— Leva contigo esse negro
Servindo de arrieiro,
Basta levar duas cargas
Mais vinte contos em dinheiros
Contanto que te ausente,
Da vista do cangaceiro.

O moço abraçou o pai
Sua mãe muito chorosa,
Disse o velho: — Vá com Deus
E nossa mãe poderosa
Lá entregue esta carta,
Ao capitão Miguel Feitosa.

A serra do Araripe
Zé Garcia descambou,
Penetrou no Piauí
Com poucos dias chegou
Ao capitão Feitosa
Uma carta lhe entregou.

O capitão leu a carta
Que dizia a narração:
— “Excelente e caro amigo
Entrego em vossa mão
O meu filho por um tempo,
Por causa duma questão.

A filha de um capanga
Veio a mim se queixar,
Que meu filho deve a ela
Para obriga-lo a casar
Mas é falso testemunho,
Que ela quer levantar.

Tua casa tem respeito
Eu te fico agradecido,
Que meu filho esteja aí
Até ficar decidido
Porque se houver processo,
Eu o deixo destruído.

Disse o capitão Feitosa:
— Moço estou bem informado
Tome conta desse quarto
Pode ficar descansado
Que aqui na minha casa,
O senhor está bem guardado.

Era no mês de novembro
No Piauí já chovia,
Então o capitão Feitosa
Ordenou no outro dia
Começar a vaquejada,
Encurralar a vacaria.

Reuniu-se a vaqueirama
Em casa do capitão,
Feitosa seguiu na frente
Arrastou seu esquadrão
Foram rebanhar o gado,
Alegria do sertão.

Zé Garcia ficou triste
Junto do curral pensando
Passando um lenço nos olhos
Porque estava chorando
As saudades do Seridó,
Estavam lhe apertando.

No sótão tinha uma moça
Olhando duma janela,
Viu Zé Garcia chorando
Por trás de uma cancela
Era a filha do Feitosa,
Mas o rapaz não viu ela.

A moça desceu do sótão
Com o coração nervoso
Disse: — Mamãe, Zé Garcia
O moço está desgostoso
Porque vi ele chorando,
Muito triste e pesaroso.

Depois o Garcia estava
Cá no batente sentado,
Saiu-lhe a dona da casa
Examinou com cuidado
Viu que os olhos do moço,
Parecia ter chorado.

Dona Jovita Feitosa
Perguntou impaciente:
— Senhor Garcia me diga
Se aqui caiu doente
Desculpe lhe perguntar,
Mas quero ficar ciente.

Zulmira era a mocinha
Tambem se interessava,
Perguntando a Zé Garcia
Por qual motivo chorava
Sem duvida era o seu amor,
Que no Seridó ficava.

Zé Garcia respondeu:
— Eu fico aqui demorado,
Em casa do senhor Feitosa
Estou muito consolado
Tenho gozado saude,
Neste clima temperado.

Feitosa com os vaqueiros
Depois de andar poltreado,
Rebanharam muito gado
À tarde vinha chegando
Na porteira do curral,
Garcia estava boiando.

À noite quando Feitosa
Se achava descansando,
Chegou-lhe dona Jovita
Que estava lhe contando
Que Zulmira tinha visto,
O Zé Garcia chorando.

Feitosa muito vexado
Perguntou ao Zé Garcia
Se estava ali doente
Qual era o mal que sofria
Fosse um rapaz positivo,
Não usasse de mania.

Respondeu José Garcia:
— Porque sou acostumado,
Na fazenda do meu pai
Campear atrás de gado,
Aqui neste Piauí,
Me considero privado.

— Senhor Garcia, eu também
Posso lhe oferecer,
Os meus cavalos de campo
O senhor pode escolher,
Aquele que lhe agrada,
Vá cedo desaparecer.

Garcia abriu suas malas
Aonde tinha guardado,
A vestimenta de couro
Bom guarda peito arreado
Porque o vaqueiro lorde,
Faz de couro de veado.

Feitosa ficou em casa
Deu ordem a Zé Garcia,
Que chefiasse os vaqueiros
Para o campo nesse dia
Até nos fundos dos pastos,
Do gado bravo que havia.

Garcia chegou no campo
Correndo atrás do gado,
Precipitava o cavalo
Dentro do mato fechado
Deu muita queda em garrote,
Como um rapaz traquejado.

Na frente do gado bravo
Espirrou um barbatão,
Garcia chegou-lhe o cavalo
Queria chegar-lhe a mão
Perdeu o touro de vista,
A carreira foi em vão.

Disse um vaqueiro ao Garcia
Ves aquele barbatão?
É o touro "Saia Branca"
Pertencente ao capitão
É o fantasma dos vaqueiros,
É o orgulho do patrão.

Aqui chegou tres vaqueiros,
Do Estado do Ceará,
Sabiam de oração forte
E tinha mais um patuá
O Saia Branca deixou-os,
Medidos no cipoá.

Se o Garcia tem coragem
De pegar o barbatão,
Hoje mesmo eu vou dizer
Ao senhor capitão
Seu nome vai ser falado,
Em todo nosso sertão.

— Se o capitão na fazenda
Tiver o cavalo aprovado,
Ainda o barbatão
Correndo como um veado
Eu me atrevo pega-lo,
No espinhal mais fechado.

A noite um dos vaqueiros
Estava pronto a contar,
Dizendo ao senhor Feitosa:
— Eu só vim lhe avisar
Que o barbatão Saia Branca
Zé Garcia quer pegar.

O Feitosa admirado
Perguntou a Zé Garcia,
Se homem do Seridó
No Piauí se atrevia
A pegar um barbatão
O que outro não garantia.

Garcia disse ao Feitosa:
— Se na fazenda do capitão,
Tem cavalo corredor
Nas caatingas do sertão
Eu vou ver se me atrevo,
A pegar o barbatão.

Chamou Feitosa, os vaqueiros
Na manhã do outro dia,
Disse: — Vou encurralar
A minha cavalaria
Para escolher o cavalo,
Para agradar a Zé Garcia.

Os cavalos do Feitosa
Estava tudo encurralado,
Começou José Garcia
A examinar com cuidado
Caçando pelos sinais,
O cavalo bom de gado.

Então disse Zé Garcia:
— Este cavalo cinzento,
Não tem carreira puxada
Porque não tem talento
E esse russo pequeno,
É um lerdo sem sustento.

Este castanho vermelho
É um cavalo afrontado,
É este cavalo pampa
Não pode ser bom de gado
Aquele castanho escuro,
Tem um mocotó inchado.

Este russo apacatado
Aguenta meia carreira,
Este cavalo melado
Fica doido na madeira
Este pedrez já foi bom,
Mas já está com gafeira.

Este cavalo rudado
No limpo corre sem trégua,
Este cardão barrigudo
Se parece com uma égua
Este russo couro branco,
É um cansado de légua.

Aí falou o Feitosa
Bradando muito zangado:
— Garcia por caridade
Se faça mais delicado
Não difame os meus cavalos,
Que todos são bons de gado.

— Senhor Feitosa seus cavalos
Os bons eu digo quais são
Para derrubar no limpo
E correr na apartação
Mas não tem um que aguente,
A pegar o barbatão.

Se o senhor tem cavalo
Pode mandar ajuntar
Que o barbatão Saia Branca
Minha vontade é pegar
E homem do Seridó,
Não promete pra faltar.

— Meus cavalos bons da fabrica
O senhor levou a trote,
Cavalo e burro de carga
Ainda tem um magote,
Gritou Feitosa vamos ver,
Agora o resto do lote.

Depois entrou no curral
Junto com a bestaria,
Um cavalo de peito e anca
Pelos sinais parecia
Logo à primeira vista,
Agradou a Zé Garcia.

Zé Garcia rebolou
O chapéu para tanger,
O cavalo espantou-se
Mas veio reconhecer
Porque cheirou o chapéu,
Dando coragem a atender.

Disse Garcia: — Já posso
Garantir ao capitão,
Que esse castanho amarelo
Pega qualquer barbatão
Mesmo é o melhor cavalo,
Criado neste sertão.

Disse o Feitosa eu também
Não digo se é exato,
Porque esse cavalo é bravo
Salta mais do que um gato
Não é de minha fazenda,
É do coronel Cincinato.

Para o dono está perdido
Eu digo qual a razão,
Todo vaqueiro tem medo
De montar nesse poltrão
Quem montar nesse cavalo,
Ele sacode no chão.

— Nas matas mais temerosas
O bicho bravo se tranca,
Se o capitão conceder-me
Uma licença mais franca
Eu amanso esse cavalo
Pra pegar o Saia Branca.

— Se o senhor tem coragem
De amansar esse tourão,
Amanhã pode montar
Entrego na sua mão
Porem fique na certeza,
Que seu quengo vai ao chão.

No terreiro do Feitosa
O povo tinha chegado,
As seis horas da manhã
Tinha um cavalo selado
Garcia ia montar,
Já se achava encourado.

No cabresto do cavalo
Cinco homens sustentava,
Quando Garcia montou-se
Que na sela se estribava
Gritando: — Larga o cabresto
Já o cavalo saltava.

Levantou-se o cavalão
Saltando com Zé Garcia,
Que furava de espora
E com o chicote batia
O rapaz era seguro
Da sela não se movia.

Zé Garcia pelejou
Para amansar o cavalo,
Quinze dias de repuxo
Aguentando grande abalo
Mas no fim de um mês,
Acabou de amansa-lo.

O Feitosa perguntou
Por esta ocasião:
— Senhor Zé Garcia, quando
Será o dia então
Que o senhor se dispõe,
A pegar o barbatão?

— Precisa mais quinze dias
Para haver ajuntamento
Somente enquanto o cavalo
Descansa e toma um alento
Deixa estar “Saia Branca”,
Eu lhe quebro o encantamento.

Apareceram três homens
Com inveja e ambição,
Falando contra o Garcia
Dizendo ao capitão
Que Garcia ia fugir,
Não pegava o barbatão.

Era Chico Banda Forra
Um tal Manoel Gavião,
E um tal Juvencio Parnaíba
Fazendo conspiração
Que Garcia ia furtar,
O cavalo do capitão.

Feitosa mal satisfeito
Aborrecido dizia:
— Ainda não encontrei
Uma falta em Zé Garcia
É duma família rica,
Dele ninguém desconfia.

Vocês têm toda certeza
Que o rapaz é ladrão,
Banda Forra e Parnaíba
E Manoel Gavião
Sigam atrás do Garcia,
Na pega do barbatão.

Então o dia marcado
Pegou a chegar vaqueiro,
Espernegando os cavalos
Cento e quinze cavaleiros
Veio o coronel Cincinato,
O maior dos fazendeiros.

Nas famílias sertanejas
A mais rica e poderosa,
Era do coronel Cincinato
Trouxe uma moça formosa
Que era flor das donzelas,
Seu nome era Primarosa.

Feitosa com os vaqueiros
Estavam prontos esperando,
Garcia bem encourado
Seu cavalo preparando
Zulmira mais Primarosa
Da janela observando.

Todos montavam a cavalo
Feitosa puxou na guia,
Em busca do gado bravo
Que no sertão existia
Os vaqueiros invejosos,
Não largaram Zé Garcia.

Feitosa com os vaqueiros
Depois de terem avançado,
Chegaram no fim dos pastos
Viram o arranco do gado
Ia o barbatão na frente,
Já correndo adiantado.

Garcia pela esquerda
Corria se desviando
Queria correr sozinho
Saiu do meio do bando
Mas sentiu três cavaleiros,
Que ia lhe acompanhando.

Garcia numa jurema
Tangeu com má intenção,
Uma gargalhada de espinhos
Que laçou Manoel Gavião
Esfolou-lhe a cara e um braço,
Ficou caído no chão.

Garcia açoitou de novo
Um calumbi esgalhado,
Que batendo em Banda Forra
Foi da cela arrebatado
Ficou berrando: me acuda!
Pelos pés dependurado.

● Juvencio Parnaíba
Recebeu naquela hora,
Uma lapada na cara
Que o chapéu voou fora
Caiu do cavalo abaixo,
Esgalhado na espora.

Quando Garcia deixou
Os três sujeitos no chão,
Puxou pelo seu cavalo
Alcançou o barbatão
Correram de mato a dentro,
Como um vento furacão.

Subiram por uma serra
Já iam em outra carreira,
Desceram em uma furna
Passando pela pedreira
● boi saltou um riacho,
De cima da cachoeira.

Saltou também o cavalo
Causando admiração,
Os sapatos de Garcia
Deixou dois rastos no chão
Seguiu, o cavalo mordendo
A anca do barbatão.

Garcia pegou o touro
Na mão a cauda enrolou,
Atirou-o de alto a baixo
Deu-lhe um soco e derrubou
A fama do barbatão,
Nesse dia terminou.

Feitosa com o seu povo
Passaram por Gavião,
Banda Forra e Parnaíba
Caidos todos no chão
Seguiram na buraqueira,
Do cavalo e o barbatão.

Quando deram na pedreira
Disseram temos demora,
Por aqui ninguém não passa
Vamos rodear por fora
Garcia passou aqui,
Como bala nessa hora.

Depois mediram a distancia
Que o cavalo saltou,
Contaram quarenta palmos
Feitosa se admirou
E disse não tem cavalo,
Que passe onde esse passou.

Continuaram no rasto
Adiante foram avistando,
Zé Garcia sentado
Com um cigarro fumando
O touro já varejando,
E o cavalo descansando.

Mandaram levar em casa
A carga do barbatão,
Em casa de Manoel Feitosa
Cresceu a reunião
Foram chamar os cantores,
Beira D'Água e Portião.

À noite os dois cantadores
Discutiram em cantoria,
Elogiaram os rapazes
A graça da moçaria
Dando viva ao capitão,
Davam fama a Zé Garcia.

Estava em cima do sótão
A Zulmirinha Feitosa,
Se embalando numa rede
Deitada mais Primarosa
Que criticava os rapazes
Porque era vaidosa.

— Primarosa tu não viste
Aquele rapaz barbado,
Que fumava num cachimbo
Olhando para o teu lado?
Queria te dar um cravo,
Contigo estava animado.

— Zulmirinha não me fale
Naquele tipo imoral,
Aquilo é meu parente
Mas um sujeito brutal
Quer namorar toda moça,
Dê por vista um animal.

Ele está vestido agora
De casaca encoletado,
De chapéu de copa alta
Calça curta engravatado
De alpargatas nos pés,
É um papangu descarado.

Aquilo já vem de raça
O pai dele numa eleição,
Foi vestido de camisa
E ceroula de algodão
Lá só não fez um discurso,
Porque não deram atenção.

Rapaz deste Piauí
Não sabe se ajeitar,
O cabelo cobre as orelhas
Passa um ano sem cortar
Assim mesmo acanalhado,
Só conversa em se casar.

O povo do Seridó
Traja bem na fantasia,
Admirou-me a decência
Na roupa de Zé Garcia
Aquele sim, é rapaz,
Que as moças têm simpatia.

Primarosa e Zé Garcia
Vivem prestando atenção,
Ao livro de Carlos Magno
Ele até por distração
Fala na princesa Angelica,
Como casou com Roldão.

Primarosa suspirou
 Com a face mais corada,
 Zulmira apertou-lhe a mão
 Dando uma gargalhada
 E disse: — Já conheci,
 Que estás enamorada.

Chamava no pé da escada
 Dona Jovita Feitosa:
 — Meninas desçam daí
 Acabem com essa prosa
 Os cantores estão chamando,
 Por Zulmirinha e Primarosa.

Com pouco as duas moças
 Já brilhavam no salão,
 A cada um dos cantores
 Deram o seu patacão
 Nos tamboretas da sala,
 Foram tomar posição.

A Primarosa sentou-se
 De frente com Zé Garcia,
 E o olhar da donzela
 Somente se dirigia
 Pro moço do Seridó
 Que também correspondia.

Finalmente no outro dia
 A Zulmirinha Feitosa,
 Foi ao quarto de Garcia
 Junto com Primarosa
 Tomar um livro emprestado
 Que ensina cena amorosa.

O pessoal do banquete
 Já se havia retirado,
 Os velhos donos da casa
 Foram descansar do enfado
 Nessa hora foi Garcia
 Pelas moças visitado.

Garcia dizia às moças:
 — Todo o meu contentamento,
 É em dona Primarosa
 Imagem do pensamento
 Aproveitamos a hora,
 Ajustando casamento.

Primarosa respondeu:
— O senhor é um rapaz famoso,
Mas para casar comigo
Eu acho muito custoso
Somente porque papai,
É um homem perigoso.

O meu pai governa aqui
Um batalhão de cangaceiros,
E possui vinte fazendas
É orgulhoso em dinheiro
Tem um negro que adivinha
É um fino feiticeiro.

O senhor casa comigo
Visto ser rapaz solteiro,
Se tiver muita coragem
Cavalo bom e dinheiro
Para fugirmos daqui,
E correr um mês inteiro.

Respondeu-lhe Zé Garcia
Eu sou um homem a toda hora
Não tenho medo de nada
Quero saber da senhora,
Se quiser casar comigo,
Vamos do Piauí embora.

Eu tenho muita vontade
Lhe digo de coração,
Quando arrumar os cavalos
E dinheiro no matulão
Fugiremos do Piauí,
A bem da nossa união.

Desde aí se combinou
Que Primarosa fugia,
E noivo para Zulmira
Muito breve aparecia
Que Zulmirinha casava
Com o irmão de Zé Garcia.

Quem tinha cavalo bom
Garcia ia compra-los,
De vinte em vinte léguas
Deixava 5 cavalos
Para o dia que fugissem
Ninguém poder mais pega-los.

Garcia foi ao Seridó
Deixou a preparação,
Fez uma sociedade
Com Lourival seu irmão
Subiram ao Piauí,
Comprar gado no sertão.

Os Garcia no Piauí
Fizeram logo um contrato,
De comprar toda boiada
Do coronel Cincinato
Começou a descer gado
Vendido muito barato.

A vaqueirama nos campos
Rebanhavam em movimento
Se pegando boi em solta
E fazendo ajuntamento
Os Garcia tomando conta,
E fazendo pagamento.

Na Fazenda do Feitosa
Havia uma apartação,
Zé Garcia no cavalo
Que pegou o barbatão
Deu muita queda no pátio
Naquela vadiação.

Nesse dia combinaram
Garcia mais Primarosa,
O seu irmão Lourival
Roubar Zulmira Feitosa
Do sábado para o domingo,
Fugida bem temerosa.

Primarosa disse ao Garcia:
— Não tem mais que avisa-los,
Esperem atrás do curral
Tudo pronto com os cavalos
Eu saio com Zulmirinha,
A primeira voz do galo.

No ponto estavam os Garcia
Cantaram os galos na hora,
Primarosa e Zulmirinha
E noite saíram fora
Disseram logo aos Garcia,
Fujamos, vamos embora.

Zé Garcia tomou conta
Da donzela Primarosa,
Lourival pegou na mão
De Zulmira Feitosa
Disseram adeus Piaul,
Terra de moça formosa.

Amanheceu o domingo
Em casa do senhor Feitosa,
Não foram vistos os Garcia
Nem Zulmira e Primarosa
Disseram: — Estão dormindo,
Mocidade preguiçosa.

Às nove horas do dia
O almoço estava botado,
Foram chamar os Garcia
O quarto estava fechado
Jovita subiu no sótão,
Achou-o desocupado.

Dona Jovita desceu
Do sótão, muito vexada,
Perguntou: — Homem “cadê”
Nossa filhinha estimada?
Zulmirinha foi embora,
Junto com nossa afilhada.

Feitosa tocou no búzio
Mandou levar um recado,
Ao compadre Cincinato
Dizendo: — Fique informado
Que nossas filhas fugiram,
Vão em busca de outro Estado.

O coronel Cincinato
Distribuiu armamento
Armou 40 capangas
Marchou logo em seguimento
Para casa do Feitosa,
Que era um sanguinolento.

Formou 60 jagunços
Na casa do capitão,
Para montar a cavalo
Com armas e munição
Disseram: — É uma guerra,
Que se vai dar no sertão.

Disse Chico Banda Forra:
— Não creio nessa vantagem,
Porque o José Garcia
Tem muito plano e coragem
Eu já sei que este povo,
Vai é perder a viagem.

Eu fui atrás do Garcia
Na pega do barbatão,
Mais Juvencio Parnaíba
E Manoel Gavião
Garcia quase nos mata,
E não tivemos perdão.

O negro do Cincinato
Fez mesa e bruxaria:
— Disse: — Eu acho custoso
Se pegar o Zé Garcia
Já vão com 23 léguas,
Passando uma travessia.

As duas moças montadas
Em cavalos de cilhão,
Um negro com uma carga
De baú e matulão
Primarosa vai no cavalo,
Que pegou o barbatão.

O sol estava se pondo
O crepusculo ainda fora,
Os dois chefes se vexavam
Gritaram vamos embora
Os Garcia já vão longe,
Mas eles me pagam agora.

Seguiram toda carreira
Os chefes se adiantando,
Alguns montado em jumentos
Os burros se acuando
Aqui, ali demoravam
Uns pelos outros esperando.

Cincinato e Feitosa
Em sua perseguição,
Nas portas onde passavam
Pediam informação
De dois rapazes e duas moças
Que fugiram do sertão.

Passaram no Araripe
Na casa dum fazendeiro
A noite estavam hospedados
Tiveram o melhor roteiro
Dos rapazes e das moças,
E o negro bagageiro.

Lhe disse a dona da casa:
— Senhor capitão Feitosa,
Aqui dormiram duas moças
Zulmirinha e Primarosa
Deram presentes a meus filhos,
Já vi que moças mimosas.

Os dois moços se parecem
Me disseram que era irmão,
A cada uma criança
Eles davam um patacão
Foram casar em Seridó
Depois voltam ao sertão.

Sairam ontem daqui
Quando amanheceu o dia,
As moças mudaram as roupas
Vestiram as montarias
Deixaram cinco cavalos,
Por ordem de Zé Garcia.

Disse o coronel Cincinato:
— Levante acampamento,
Devemos a toda pressa
Botar logo um impedimento
Se não os Garcia casam,
Nem nos dão conhecimento.

Os Garcia em Cajazeiras
Fizeram logo uma ação,
Chegando aos pés do padre
Despejaram um matulão
Que estava cheio de dinheiro,
Voando as notas no chão.

O padre disse: — Meninos
Para que tanto dinheiro,
Se tem negocio comigo
Diga o motivo primeiro
De onde vêm essas moças,
Fugindo assim tão ligeiro?

Respondeu José Garcia:
— Eu fui mais o meu irmão,
Ao Piauí comprar gado
Que é nossa transação
Lá raptamos estas moças,
Da casa dum capitão.

Atrás vem um coronel
Junto com um capitão,
Com fim de tomar as filhas
Nos fazer perseguição
Rapaz por causa de moça
Em velho passa lição.

Disse o padre: — Contem comigo
Eu ajudo a dar o nó,
E sigo com os senhores
No rumo do Caicó
Vou fazer os casamentos,
Lá mesmo no Seridó.

Então mudaram os cavalos
Conforme quis Zé Garcia,
Selaram outro cavalo
Do padre da freguezia
Seguiram com o vigário,
Cresceu mais a companhia.

Os jagunços do Feitosa
E do coronel Cincinato,
Ficaram em Morro Dourado
Escondidos pelo mato
Com receio de trezentos,
Capangas do Viriato.

Cincinato e o Feitosa
Passaram em Mangabeira,
Já vinham sem os capangas
Chegaram nessa ribeira
Perguntando pelo padre,
Da cidade de Cajazeira.

Disseram que o vigário
Tinha saído há 8 dias,
Em viagem ao Seridó
Curar outras freguezias
Para fazer casamento,
Na família dos Garcia.

Os chefes do Piauí
Perderam a valentia
Quando chegaram à fazenda
Do tenente João Garcia
Pois encontraram as filhas,
Já casadas nesse dia.

Primarosa mais Zulmira
Trajavam véus e capelas,
Todo povo contemplava
A beleza das donzelas
Seus noivos permaneciam,
Assentados juntos delas.

Cincinato e o Feitosa,
Quando entraram no salão,
As noivas se ajoelharam
Para tomar a benção
Os velhos abençoaram,
As filhas de coração.

Cincinato e o Feitosa
Falaram amigavelmente,
Abraçaram seus dois genros
De acordo com o tenente
Disseram: — Nossas filhinhas,
Casaram decentemente.

Estava um rapaz loiro
Poeta novo e letrado,
Com uma viola na mão
Canta discurso rimado
Gulino do Sabugy
Felicitando o noivado.

Figuraram nessa festa
Três oficiais de patente,
O coronel Cincinato,
O capitão e o tenente
Continuava o banquete,
Naquele salão decente.

Zulmirinha e Primarosa
Depois da festa acabada,
Cada uma tomou posse
De sua casa arrumada
Vizinha uma de outra,
Na aliança acostumada.

Feitosa e o Cincinato
Depois de bem descansados,
Em casa de suas filhas
Estavam determinados
Regressar ao Piauí,
Alegres e consolados.

O coronel Cincinato
E o capitão Feitosa,
Mandaram a grande herança
De Zulmira e Primarosa
Continuou dos Garcia,
A família numerosa.

Num bebedor de animais
Se achava José Garcia,
Trepado numa oiticica
Duma ramagem sombria
Metido por entre as folhas,
Que debaixo ninguém via.

A filha do Militão
Chegou com um deboxado,
Debaixo da oiticica
Se sentaram sem cuidado
Sem saber que Zé Garcia,
Em cima estava trepado.

Disse Francisca Ramel:
— Joaquim tenha sentimento,
Estou engordando à força
Meu bucho em crescimento
Se papai souber se zanga,
Me peça em casamento.

Tu tens que casar comigo
Sabes que sou tua prima,
Levantei falso a Garcia
Mas você não me estima
Quem sabe que estou grávida,
É aquele lá de cima.

Vagabunda sem vergonha
— Aqui gritou Zé Garcia —
Eu não sei tuas misérias
Que tu a tempo escondia
Vou descarar o teu pai,
Com tua patifaria.

Fugiu Francisca Ramel
 Atrás do tal camarada
 Chegando no Caicó
 Ficou de casa alugada
 E o Militão foi preso,
 Porque fez muita zoadá.

Então correu a notícia
 Que o Garcia raptou,
 No Piauí uma moça
 Grande perigo passou
 Chegando no Seridó,
 A toda pressa casou.

O seu irmão Lourival
 Conduziu na mesma empresa,
 Uma filha dos Feitosas
 Admirava a riqueza
 Dessas moças que encheram,
 O Seridó de beleza.

O Militão cangaceiro
 Que já era intrigado,
 Sabendo que Zé Garcia
 Agora estava casado
 Garantiu que ia mata-lo,
 Conforme tinha jurado.

Dizia o tal Militão:
 — Pois o tenente Garcia,
 Quer ser melhor do que eu
 Em riqueza e fidalguia
 Mas eu sou um cangaceiro,
 Respeitado em valentia.

Eu posso bater no peito
 Eu sou cangaceiro honrado
 Não me lembro mais da conta
 Das surras que tenho dado
 Em brancos de olhos azuis,
 Em meus pés ajoelhados.

Eu vou fazer tal barulho
 Corre o povo a noiva chora,
 Só mato o Zé Garcia
 De chicote e palmatória
 E me monto no tenente
 Rasgo-lhe o bucho de espóra.

Depois queimo-lhe a casa
 Incendeio o algodão,
 O Garcia quer escapar
 Fica com essa lição
 Nunca mais enjeitará,
 A filha de um Militão.

As cinco horas da manhã
 Quando amanhecia o dia,
 Chegava um cavaleiro
 Para o tenente Garcia
 Prevenir a sua casa,
 Porque de nada sabia.

— Senhor tenente Garcia
 Só venho lhe avisar,
 Assim disse o cavaleiro,
 Militão vem lhe matar
 Está juntando capangas,
 Para vir lhe atacar.

Vem queimar a sua casa
 Com o paiól de algodão,
 Acabar com os Garcia
 É toda a sua intenção.
 O senhor não facilite,
 Com o cobra Militão.

Então disse o Zé Garcia:
 — Meu pai me entregue a questão
 Que a noite eu vou cercar
 A casa do Militão
 Ele tem de vir nas cordas,
 Porque é um valentão.

As oito horas da noite
 Galopava Zé Garcia,
 Com nove homens a cavalo
 Armados a fuzilaria
 Encontraram o Militão,
 Descuidado sem espia.

Quando ocultaram os cavalos
 Foram se aproximando,
 Viram o grupo de bandidos
 No terreiro vadiando
 Os bacamartes encostados,
 E uma viola tocando.

Uma descarga serrada
Os bandidos receberam,
Gritaram chegou a tropa
Deixaram as armas e correram
Seguiram em busca da serra,
Nas grutas se esconderam.

Militão não quis correr
Já ferido numa mão,
José Garcia pegou-o
Bateu com ele no chão
Gritando tragam as cordas,
Amarrem este ladrão.

O Militão quando viu-se
Preso pelo o intrigado,
Ainda quis estrebuchar
Mas já estava amarrado
Garcia deu-lhe uma surra,
Ficou ele acomodado.

Disse Garcia: — Criminoso
Tu querias dar-me fim,
Tua filha é parceira
Do cangaceiro Joaquim
Eu não ia misturar-me,
Numa canalha tão ruim.

Vou dar-te por despedida
Mais uma surra de peia,
Te despedes da cachaça
E roubos da casa alheia,
E digas adeus ao sertão,
Hás de morrer na cadeia.

Com dois anos Zé Garcia
Tomou a resolução
De Subir ao Piauí
Com Lourival seu irmão
Para visitar os sogros.
Nessa mesma ocasião.

Primarosa e Zulmirinha
Se abraçaram de contente,
Porque iam ver seus pais
Visitar a sua gente
Na terra em que nasceram,
Para o lado do poente.

Partiu então Zé Garcia
Com seu acompanhamento,
Chegando em Cajazeiras
Já tinham conhecimento
Dormiram na casa do padre
Que fez o seu casamento.

Era dez do mês de junho
Havia leite e coalhada,
Cedo tomaram café
Então veio a cavalgada
Preparou-se a montaria,
Para seguir a jornada.

Se despediram do padre
Com grande aperto de mão,
E seguiram em largo trote;
Garcia disse ao irmão:
— Gozaremos no Piauí,
Uma noite de São João.

Avançaram até chegar
No ponto mais desejado,
Nas margens do Parnaíba
Onde se cria mais gado
Pegaram Manoel Feitosa,
Em casa bem descuidado.

A entrada dos Garcia
Foi uma recepção,
Continuou o banquete
Até noite de São José
Cincinato e o Feitosa,
Gozando a satisfação.

Quando entrou o mês de junho
Foram rebanhar o gado,
Escolhendo boi de éra
E ficando encurralado
E os Garcia comprando,
Pois estavam acostumado.

Lourival e Zulmirinha
Ficaram com seu Feitosa,
Em casa de Cincinato
Ficou dona Primarosa
José Garcia desceu,
Com uma boiada volumosa.

José Garcia baixou
Com seu gado pela estrada,
Chegando em Campina Grande
Vendeu a sua boiada
Voltou para o Piauí,
Ver sua esposa estimada.

Zé Garcia ia passando,
Num esquisito arriscado,
Sairam três cangaceiros
O moço estava emboscado
E Garcia estava só,
Agora ia ser roubado.

— Ou o dinheiro ou a vida!
Abra logo o matulão,
Acrescentou o bandido
Mas a minha opinião
É que se matarmos ele,
Vamos ter perseguição.

Zé Garcia respondeu:
— Não faço historia comprida,
Vou entregar o dinheiro
Mas não roubem a minha vida
Disse um deles: — Você morre,
Mata-lo é nossa medida.

José Garcia ainda disse:
— Por visto eu ser um cristão,
Eu quero me confessar
Me ouçam em confissão
E perdoem-me os pecados,
Conforme a religião.

Um cangaceiro enxerido
Disse então: — Pode rezar,
Eu posso servir de padre
Só para lhe confessar
Vamos: — Diga seus pecados,
Que eu sei os perdoar.

Garcia disse: — Aqui não
Me confesse ali no mato,
Pecado alheio tem segredo
Visto a fineza do ato:
— Vamos que serei o padre,
Confesso muito barato.

Garcia disse ao ladrão:
— Aqui vamos concordar:
Eu lhe dou 60 contos
Você vai negociar
Matamos aqueles sujeitos,
Que eu quero escapar.

Você com 60 contos
Para viver tem dinheiro,
Vai ser um negociante
Até no Rio de Janeiro
Melhor ser um homem rico,
Do que ser um cangaceiro.

Disse o bandido: — Está certo
E voltou emparelhado,
O ladrão sempre dizendo,
O homem está confessado
Ouviu-se logo dois tiros,
Cada um foi fuzilado.

Então disse Zé Garcia:
— Ouça outra confissão
Eu tinha três inimigos
Dois estão mortos no chão
Agora só falta um,
Segure o punhal na mão!...

O cangaceiro gritou:
— Você quis me enganar!
Zé Garcia respondeu-lhe:
Eu não vivo de matar
Mas quando a sorte me obriga,
Eu luto para escapar.

Se travaram nos punhais
Combate muito ligeiro,
Zé Garcia apunhalou
Os braços do cangaceiro
Ainda lhe disse ladrão,
Tu não tomas mais dinheiro.

Botou-lhe o pé no pescoço
O bandido não fez ação,
Disse, eu estou acostumado
Assinalar barbatão
Vou deixar o meu sinal,
Na cara desse ladrão.

Montou Garcia a cavalo
Continuou galopando,
Deixou no meio da estrada
Um roubador praguejando
Com dois cadáveres de lado,
Os urubus festejando.

Depois do mês de setembro
Garcia fez despedida,
Voltando do Piauí
Com sua esposa querida
Lourival e Zulmirinha,
Houve choro na partida.

E depois um aleijado
De porta em porta pedia,
Quem lhe dava uma esmola
Admirado dizia
Na sua cara se vê
O sinal de Zé Garcia.

Responde o ex-cangaceiro:
— Eu mesmo fui o culpado,
Nos matos do Ceará
Zé Garcia foi cercado
Morreram meus companheiros,
Eu escapei aleijado.

Continuou Zé Garcia
Em São João de Sabagy,
De ano em ano visitava
Os campos do Piauí
Como topador de touro,
Outro igual não tinha ali.



4962

JÁ SAIU!

PIADAS de LOUCOS



PODE LER SOSSEGADO, VOCÊ NÃO FICA MAIS DO QUE É...

SNB